



Tasso: "Isso não é um trabalho para se fazer da noite para o dia"

"No Ceará, a continuidade das administrações ajudou"

Tasso afirma que equilíbrio foi obtido à custa de esforço de dez anos para controlar gastos

KÁSSIA CALDEIRA

Depois de um estágio de três meses no governo Franco Montoro, antes de assumir seu primeiro mandato no Ceará, o governador Tasso Jereissati (PSDB) achou que dificilmente seu Estado chegaria perto da organização paulista. Hoje, o cearense se vê numa situação exatamente oposta. O Ceará tem as contas em ordem, enquanto São Paulo enfrenta o desafio de uma dívida gigantesca. "É um trabalho longo, que está completando dez anos, e com um enorme esforço para controlar a folha de pagamento em níveis razoáveis", explica o governador em entrevista ao Estado. "No Ceará a continuidade das administrações ajudou."

Estado — O Estado do Ceará tem dívidas?

Tasso Jereissati — Tem. Só que a relação da dívida com a receita é relativamente confortável. O Ministério da Fazenda tem uma base de cálculo: a dívida total tem de ser igual à receita anual. No Ceará, a dívida é menor que a receita anual. A dívida contratual é de R\$ 1,5 bilhão, e a total é de R\$ 1,8 bilhão. Esses R\$ 300 milhões de diferença são referentes a empréstimos de organismos internacionais. A previsão de arrecadação total do ano de 1997, a receita líquida, é de cerca de R\$ 2,1 bilhão depois da transferência para os municípios.

Estado — Como o senhor trabalha para manter as contas ajustadas?

Tasso — É um trabalho longo que está completando dez anos, e com um enorme esforço para controlar a folha de pagamento em níveis razoáveis. Isso não é um trabalho para se fazer da noite para o dia e, às vezes, exige medidas impopulares. No Ceará, a continuidade das administrações ajudou. Mas a estabilidade da moeda trouxe problemas, porque a inflação era uma espécie de receita adicional, que permitia corrigir erros do Orçamento. Agora com a receita fixa, sem inflação, a questão da folha se tornou um problema que tem de ser administrado com mais rigor, porque a cultura de reajuste de salários não combina com a moeda estável.

Estado — Quando o Ceará começou a equacionar o problema das dívidas?

Tasso — O nosso primeiro acordo de reajuste e repactuação

da dívida foi feito em 1988. Desde esse acordo, o Ceará cumpre rigorosamente tudo o que foi assinado naquela época. Em 1993 houve um acordo geral, mas o Estado, como já cumpria os compromissos, foi melhorando ainda mais a situação.

Estado — Qual foi o aspecto mais difícil de resolver?

Tasso — A folha de pagamento, principalmente com a força do corporativismo, que continua sendo um problema na medida em que existe essa cultura do reajuste e o fato de que uma série de medidas administrativas tomadas são revogadas pelas liminares da Justiça. Se tivéssemos respeitada a questão do teto dos salários da Constituição, teríamos uma situação mais confortável em relação à folha de pagamento e até uma possibilidade maior de dar reajuste para a grande maioria dos servidores. Por exemplo, pago salários de R\$ 45 mil reais para aposentado e o teto no Estado é de R\$ 5,5 mil para secretário de Estado. Outro exemplo: na folha de 120 mil funcionários existem entre 1,5 mil a 2 mil que comprometem mais que toda a folha dos que ganham salário mínimo.

Estado — O que foi mais fácil?

Tasso — Saber que o sacrifício de ajuste do Estado proporcionou a abertura do crédito internacional. Isso facilitou muito a vida.

Estado — A folha de pagamento do funcionalismo respeita a proporção dos 60% previstos pela Lei Camata?

Tasso — Estamos com 64%, cerca de R\$ 80 milhões. Tínhamos planejado nos adequar aos 60%, mas todas as questões dos supersalários que foram para a Justiça nós perdemos. A receita líquida do Ceará é de cerca de R\$ 140 milhões por mês, em média. Temos uma expectativa muito grande na reforma administrativa, para disciplinar de vez essa questão, porque aparecem as liminares inesperadas e a folha vai aumentando. Isso arrebenta as previsões de investimento.

Estado — Por quê existem Estados que estão em situação tão crítica, na penúria?

Tasso — Não tenho informações completas dos outros, mas vai desde a falta de continuidade administrativa e uma política salarial consistente, de longo prazo, a desmando puro e simples. Antes do primeiro governo, passei três meses no governo de São Paulo, em um estágio para ver o governo Montoro. Era o Estado mais organizado, com outra mentalidade, com um serviço público eficiente e saí achando que dificilmente o

CULTURA DO
REAJUSTE NÃO
COMBINA COM
ESTABILIDADE